

Recebido em abr. 2006

Aprovado em jan. 2007

**DEMÓCRITO: O RACIONALISMO COMO
REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO MUNDO,
SEGUNDO O FILÓSOFO FRIEDRICH NIETZSCHE**

MARIA CRISTINA DOS SANTOS DE SOUZA *

RESUMO

Este artigo visa apresentar o pensamento original de Nietzsche sobre a vida e a obra do filósofo grego Demócrito, o qual ele considera o último caráter filosófico puro grego, extraído sobretudo das lições ministradas por Nietzsche na Universidade.

PALAVRAS-CHAVE

Nietzsche. Pensamento Original. Vida. Obra. Demócrito.

ABSTRACT

This article aims at to present the original thought of Nietzsche on the life and the workmanship of the Greek philosopher Democritus, which it considers the last philosophical character pure Greek, extracted over all of the lessons given for Nietzsche in the University.

KEY WORDS

Nietzsche. Original Thought. Life. Work. Democritus.

* Doutoranda em FILOSOFIA na UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ e Professora assistente de FILOSOFIA na UNIVERCIDADE.

Este escrito tem como proposta apresentar resumidamente a visão do filósofo Friedrich Nietzsche sobre o filósofo grego Demócrito, do qual pouco nos restou em termos de bibliografia. Nos foi possível chegar a compreender o pensamento de Nietzsche sobre o filósofo grego graças sobretudo às lições ministradas por Nietzsche em seu período de juventude, na universidade da Basileia, sobre os filósofos gregos que ele denomina “puros”, propriamente aqueles anteriores a Platão, considerado por ele o primeiro filósofo de caráter essencialmente misto. Estas lições estão reunidas sobretudo na obra organizada por Paolo D’Iorio, *Les philosophes préplatoniciens*, e nas *Lektionen auf Geschichte des Literatur Griechen*, texto acessível até hoje somente na língua original. Apesar das lições sobre Demócrito guardarem um tom didático e serem voltadas para o curso de filologia, Nietzsche não deixa de expressar já uma compreensão filosófica absolutamente original sobre este filósofo grego, do qual pouco conhecemos.

Demócrito era da cidade de Abdera ou de Mileto. Segundo Apolodoro, comentador antigo preferido de Nietzsche, afirma que o próprio Demócrito declarou em sua obra a *Pequena Cosmologia* ser 40 anos mais jovem do que Anaxágoras. A tradição de comentadores faz referência a um outro pensador chamado Leusipo, que também teria nascido em uma destas cidades e escrito, como Demócrito, no dialeto de Abdera. Aristóteles chama Demócrito o companheiro ou o discípulo de Leusipo, afirmando que ambos tinham concepções cosmológicas bastantes parecidas. Em outras passagens de sua obra ele chega mesmo a os confundir. Por sua vez, Teofrasto

atribui a *Grande Cosmologia*, considerada uma das grandes obras de Demócrito, a Leusipo.

Esta controvérsia de autoria se aprofunda quando o alvo da discussão se refere às obras morais. Grande parte dos comentadores, reconhecendo Demócrito apenas como um estudioso da natureza, as atribui a Leusipo. Quanto a este impasse, Nietzsche assevera que admitindo que Leusipo era o autor da idéia principal, a diversidade de pontos de vista contidos nas obras certamente era da autoria de Demócrito. Ele se refere, também, ao fato improvável da existência concomitante de dois pensadores tão inovadores, concluindo que se Demócrito foi o discípulo de Leusipo ele o eclipsou, fundando uma grande doutrina. Ele conclui que esta doutrina se desenvolveu e o nome de Demócrito ultrapassou o de Leusipo em universalidade. Entretanto, em outra parte de seus escritos, Nietzsche, seguindo a hipótese audaciosa de Epicuro sobre a não existência de Leusipo, afirma que este poderia ser, inclusive, um pseudônimo adotado por Demócrito para se livrar de uma possível investida contra as suas obras.

Seguindo a indicação de Nietzsche que “Os fragmentos de Moral têm, por uma parte, um tom fácil de homem do mundo e uma bela forma”¹, podemos concluir que, estes fragmentos podiam facilmente ser atribuídos ao tipo de homem que foi Demócrito. Ele visitou as principais cidades gregas, conhecendo as idéias dos pensadores de sua época. Talvez por ter composto grande parte de seus escritos durante suas viagens, ele seja considerado por Nietzsche o viajante científico. O

¹ NIETZSCHE, F. *Les philosophes pré-platoniciens*, cap. 8, p. 135.

próprio Demócrito afirma ter conhecido e estudado os principais pensadores de sua época, incluindo Anaxágoras e Empédocles. Supõe-se que ele não tenha chegado a frequentar Empédocles, talvez por este ter morrido uma década antes da sua juventude, todavia, ele conheceu, segundo Nietzsche, as obras de Empédocles, o filósofo trágico. Seus conhecimentos ultrapassaram os limites da Grécia, se estendendo até as terras do Oriente. Não é sem motivo que Nietzsche associa o nome de Demócrito à relação dos gregos com o estrangeiro.

No entanto, a ligação de Demócrito e dos estudiosos orientais deve ser compreendida à luz do que Nietzsche afirma sobre a capacidade grega de aprender dando frutos. Ele diz em uma obra que os gregos “assinalaram a cultura viva de todos os povos e, se chegaram tão longe, foi porque souberam continuar a arremessar a lança onde um outro povo a tinha deixado”². Nesta via, não obstante a erudição herdada por todos os filósofos e, sobretudo, por Demócrito, Nietzsche defende a originalidade da filosofia grega.

Segundo Nietzsche, as várias viagens de Demócrito assinalam uma curiosidade universal. Ele era o tipo do filósofo escritor e viajante “aquele que conhece tudo” não por abarcar pelo saber todas as coisas indistinta e absolutamente, mas por englobar tudo o que concerne ao domínio do conhecimento, ou seja, ao conhecível. A grande quantidade de obras de Demócrito atesta o que Nietzsche diz: “Demócrito foi o primeiro a tentar abarcar todo o campo disto que é digno de ser

² *Ibid.* *A filosofia na idade trágica dos gregos*, cap. 1, p. 19.

conhecido”³. Assim, ele escreveu sobre matemática, física, astronomia, música, técnica e moral.

Neste último escrito⁴, Nietzsche classifica o estilo literário de Demócrito como científico e o chama de o primeiro escritor clássico. Científico, no sentido de simples, claro e demonstrativo, atributos que fizeram de seus escritos, obras de estilo grandioso. Ele chega mesmo a afirmar que Demócrito ultrapassa Platão em quantidade de obras e em originalidade. Além disso, Nietzsche afirma que as reflexões de Demócrito não se reduzem ao domínio cosmológico. Elas traduzem preocupações não somente científicas, mas também ontológicas, morais e até mesmo estéticas.

Ora, no que refere as reflexões cosmológicas, Demócrito constatou que para haver movimento era necessária a existência do espaço vazio. Para fim de compreensão da necessidade do espaço vazio, ele desenvolveu uma série de argumentos. E como decorrência da prova do espaço vazio, ele concluiu que se o espaço vazio existe, o não-ser também existe. Se somente houvesse o ser não haveria divisão nem deslocamento, se apenas houvesse o não-ser, não haveria nenhuma grandeza, tudo seria o puro vazio. Portanto, há o que é divisível e o que é indivisível, o não-ser e o ser.

Demócrito identificou o ser a unidades plenas e indivisíveis, separadas e absolutamente idênticas chamadas *atoma* (átomos). Pois se houvesse em um ponto mais ser do que em um outro, ou se um átomo não fosse o que o outro é, então um seria o ser e o outro

³ *id. Lektionen auf Geschichte des Literatur Griechen*, p. 174.

⁴ *Cf. Ibid.*, p. 172.

o não-ser. Esta última conclusão geraria uma contradição no pensamento de Demócrito, pois para ele o átomo era, enquanto uma unidade plena e indivisível, uma unidade ôntica.

Segundo Nietzsche, no âmbito da filosofia de Demócrito a natureza foi considerada a partir dos mecanismos os mais acessíveis e simples, ou seja, traduzíveis em linguagem genuinamente científica. Estava excluída a utilização de princípios estranhos ao processo cosmológico, como em Anaxágoras, ou princípios complexos e inexplicáveis, como em Empédocles, os quais, para Demócrito, representavam verdadeiras rupturas no curso contínuo e regular do conhecimento da natureza. Neste sentido, o seu pensamento pode ser identificado pelo rigor e pela coerência científicas, porquanto eram as qualidades reais e as leis as mais simples e gerais da matéria que ele buscava investigar.

A ordenação progressiva do cosmos foi reconhecida, por Demócrito, como o efeito de uma força cega e mecânica. Esta força não refletia a ação arbitrária e não mecânica de uma substância racional ou a expressão de uma intenção suprema, como em Anaxágoras, muito menos correspondia à intervenção providencial de um *deus ex machina*, mas uma espécie de vibração. Apenas a propagação contínua e regular bastava para explicar os efeitos que pareciam refletir a lógica e a praticidade da inteligência no mundo. Nietzsche compara esta idéia originalmente materialista de Demócrito ao que Kant afirma bem mais tarde: “Eu saboreio o prazer de ver, sem a ajuda de invenções

arbitrárias, sob a ação de leis do movimento bem estabelecidas, se produzir um todo bem ordenado que parece de tal modo a este sistema do mundo, que eu não posso me impedir de o ter pelo mesmo [...].”⁵

A hegemônica necessidade que regia o cosmos não foi interpretada, em Demócrito, como muitas vezes o foi, como acaso cego. A necessidade é uma espécie de causalidade, mas se trata aqui de uma causa sem alvo. A mais rigorosa regularidade dominava a natureza como lei suprema do universo, segundo o que Demócrito afirma: “nada acontece fortuitamente, mais tudo tem sua razão e sua necessidade”⁶. O que acontece por acaso, em contrapartida, é puramente acidental. O poder constitutivo da *anagkh* (necessidade) se justifica, sobretudo, pela identificação, em Demócrito, da força e da matéria. Em Empédocles, ao contrário, os princípios do movimento eram imanentes à matéria, sem, entretanto, serem dela dependente ou possuírem sua natureza. Demócrito, ao estabelecer a matéria como princípio cosmológico, ao mesmo tempo, elevou sua atividade fundamental, a necessidade, ao grau de causa natural.

Segundo Nietzsche, Demócrito era um racionalista inveterado e confiante. A força de seu sistema advinha sobretudo da sua determinação de tudo tornar claro. Dos filósofos anteriores, ele conservou apenas o que era simples e homogêneo. Entretanto, sua segurança e dedicação à ciência, propriamente sua fé em seu sistema de mundo, tinham origem numa extraordinária vontade de encontrar o princípio da paz universal. Nietzsche

⁵ KANT, I. *História natural do céu*, p. 48.

⁶ Cf. LANGE, F. *História do materialismo*, p. 13.

conclui: “Demócrito deve sem dúvida ser colocado entre os melancólicos [...] O alvo é o *otium litteratum*: ‘ter a paz’. Demócrito este Humboldt do mundo antigo”⁷. Por este alvo ele se lançou em uma vida errante e inquieta, cheia de privações, reduzida ao esforço de penetrar tudo por meio de seu método, que lhe rendeu uma velhice indigente. Demócrito acreditava estar trabalhando em prol de um novo princípio de vida.

Querendo fazer do universo um âmbito absolutamente iluminado, ele ansiava por se sentir no mundo como quem se sente em um aposento claro, acreditando que se o homem conhecesse tudo o que concernia a seu mundo ele seria bom e feliz. Para ele a vida científica guardava o princípio de todo eudemonismo. Seu sistema da natureza começa com as seguintes palavras: “O homem é mal, porque ele não conhece a natureza”⁸. Ele oferece aos homens a virtude libertadora de sua doutrina, uma concepção de mundo desprovida de toda obscuridade e imperfeição. Para Demócrito o conhecimento correspondia à via da plena e verdadeira felicidade. Respondendo às questões sobre a origem e o processo do universo, ele acreditava fazer os homens mais felizes. Ele não pensava em uma fórmula da felicidade do homem médio, comum, ou seja, segundo o parâmetro do bem-estar individual, mas na felicidade oriunda da satisfação concreta e elevada de uma vida votada à investigação do seu sentido universal.

Nietzsche identifica, em um fragmento póstumo de 1872-74, a chave do materialismo de Demócrito a um

⁷ NIETZSCHE, F. *Lektionen auf Geschichte des Literatur Griechen*, p. 168.

⁸ *Ibid.* p. 161.

cânon moral, enunciado pelo próprio filósofo grego: “Contente-se com o mundo tal qual ele é”. A moral era a base da física de Demócrito, porquanto o que o movia era o sentimento da libertação da ciência de todo elemento incognoscível. As questões profundas e insolúveis não diziam respeito ao conhecimento. Seu ponto de partida no estudo da natureza eram os fenômenos simples, concretos e inteligíveis. Nietzsche afirma que Demócrito possuía uma aversão pelo bizarro e o irracional. Ele buscava uma simplicidade de método e reduzir todo o processo do cosmos à queda e ao choque visando constituir um sistema de mundo compreensível e claro. Mundo e conhecimento se correspondiam na medida que sentido de mundo só se dava à luz do conhecimento. Contentar-se com o mundo tal qual ele era significava contentar-se com o universo que se descortinava ao conhecimento.

Para as inquietudes míticas ele propunha o racionalismo, para as morais, o ascetismo, para as políticas, o quietismo e para as inquietudes conjugais, a adoção de filhos. Por estas fórmulas Demócrito buscava demonstrar que era possível encontrar a estabilidade e a integração de todos os âmbitos da existência grega, através de uma vida fundada no conhecimento.

A vida estritamente científica de Demócrito correspondia a algo inaudito em sua época, a qual o vislumbrava como um sacerdote entusiasta com uma doutrina bizarra. Com sua cientificidade radical ele chocava os gregos. Sua cidade natal o tinha por um prodígio. Pela diversidade dos temas que abordou e regiões que conheceu, ou seja, como conhecedor

aficionado e solitário e como desbravador de novos horizontes, Demócrito era conhecido como um homem do mundo. Mais tarde, seu ímpeto investigador e desmistificador, seu caráter inacreditável, lhe rendeu poucos testemunhos, mas muitas anedotas e lendas, como, por exemplo, a de que ele ria de tudo. Conforme afirma F. Lange, em a *História do materialismo*, esta imagem de filósofo que ri “[...] somente nô-lo mostra como um irônico alegre, que ridicularizava as loucuras humanas e se fazia o advogado de uma filosofia superficial e constantemente otimista”. Na verdade, ele ria, sobretudo, da mística, que dominava as doutrinas dos grandes conhecedores anteriores a ele. Neste sentido, ele foi o primeiro pensador a excluir todo elemento mítico. Ele condenava ardentemente a intrusão de um artifício mitológico em um sistema científico do mundo. Nietzsche assegura que esta condenação se dirigia, sobretudo, ao caráter arbitrário do *Nôus* de Anaxágoras e aos princípios míticos de Empédocles, seus antecessores imediatos.

Nas etapas da reflexão filosófica que os pensadores anteriores tiveram maior dificuldade em estabelecer princípios rigorosos e demonstráveis e se desviaram do caminho da ciência, através de explicações artificiais, arbitrárias, antropomórficas, as quais rompiam a unidade clarividente do sistema de mundo em questão, Demócrito estabeleceu mecanismos e leis as mais simples e cognoscíveis. Ele abominava os véus e bordas impostos à razão pela intervenção de elementos pertencentes a domínios estranhos à ciência. Conforme afirma Lange, nas cosmogonias orientais, mais antigas, e nas da tradição grega, imperava a mistura de

concepções materialistas e espiritualistas, na medida em que, nas épocas primitivas, a *physis* era vislumbrada no âmbito de representações mágicas e alegóricas. Para Demócrito, entre os gregos imperava uma ortodoxia rude e fanática, sustentada tanto pelo orgulho das castas sacerdotais quanto pela fé cega do povo nas intervenções divinas. Nesta via, segundo ele, o temor excessivo dos deuses era um dos principais empecilhos ao reconhecimento da potência da razão.

“A *athaumastia* em relação à ordem física e ao mito caracteriza todos os materialistas [...]”, como diz Nietzsche em um fragmento de 1872-74. A *athaumastia*, ou seja, a ausência do espanto diante da natureza, se fundamentava na fé absoluta na cognoscibilidade das manifestações da *physis*. A Demócrito a natureza se manifestou, sobretudo, como unidade de elementos, relações e mecanismos, ou seja, de fenômenos materiais. Sob esta forma de unidade, a natureza se deu ao conhecimento. Inteligível, ela substituiu as veneráveis figuras religiosas como base de sustentação e interpretação da existência grega. Neste sentido, Demócrito empreendeu uma verdadeira dessacralização da mitologia grega, dissociando-a do rico e maravilhoso adorno da religião e adaptando-a às exigências da racionalidade. Os mitos, os quais serviam, com suas narrativas, de base representativa aos excessos da mística, doravante perderam sua roupagem antropomórfica e fantástica e passaram a ser compreendidos à luz dos mecanismos da natureza.

Compreendida como matéria, a natureza foi descoberta como substrato do mundo. Na verdade,

substrato do mundo enquanto substrato do conhecimento. Então, não como dado em si mesmo, mas como objeto da representação. Pois, para Demócrito, não era possível conhecer as coisas como elas eram em si, independentes da representação, âmbito no qual a ciência delimitava o caráter de tudo o que podia ser por ela investigado. O domínio do conhecimento era compreendido como superfície especular que refletia o mundo não tal qual ele era absolutamente, mas como esfera de representação do universo no qual o homem já se encontrava mergulhado inadvertidamente. Assim, em Demócrito, a própria idéia da plena racionalidade da natureza se coaduna à concepção da relatividade de toda verdade sobre o cosmos. Com efeito, na medida em que a forma de apresentação das coisas era regida pelas leis da subjetividade, todo objeto era, na verdade, obra da representação. Assim, considerando os limites subjetivos do conhecimento, a ciência foi reconhecida, sobretudo, como instrumento de construção de mundo.

Ao vislumbrar a natureza como matéria, a filosofia descobriu a sua verdadeira aptidão. A ela estava destinado não somente o conhecimento mas a produção de mundos. Segundo Nietzsche, todo o rigor científico de Demócrito se justificava não pela intenção do conhecimento absoluto, mas pela finalidade de construção de um universo inteligível e viável, ou seja, em harmonia com as condições subjetivas, universais e concretas da existência. Ora, na medida em que a concepção de mundo consistia em um objeto de criação, seu elemento era o mesmo da arte, a ilusão. Todavia, no domínio do conhecimento a ilusão alcançou uma forma

sistemizada e cognoscível, além de estar a serviço da constituição da imagem da unidade da existência. Desse modo, Segundo Nietzsche, a cientificidade de Demócrito não se opunha ao caráter da poesia e não era estranha a ele. Ele afirma que entre a concepção de mundo de Demócrito e a poesia havia, na verdade, uma remarcável afinidade, por vários aspectos, conforme citação de um fragmento póstumo de 1872-74, “Demócrito, uma bela natureza grega, igual a uma estátua, fria em aparência, mas plena de um fogo secreto”. O fogo secreto ao qual Nietzsche se refere é o *élan* poético que sustentava a fidelidade à ciência de Demócrito. Neste sentido, a poesia estava presente, sobretudo, na crença e no entusiasmo de Demócrito pelo saber, na sua entrega à ciência. A fé contemplativa de Demócrito em seu sistema era digna de um poeta que se apraz diante da universalidade do mundo construído por sua arte. “Esta crença o tornou poeta, mesmo que pouco houvesse de poesia em causa”⁹, como Nietzsche conclui.

Nietzsche também identifica a chama poética que alimenta Demócrito na certa ostentação que guardava seu modo elegante, direto e ordenado de escrever. A sua preocupação com o estilo, a clareza da exposição e a transparência das idéias evidenciava uma busca pela bela forma de seu sistema. Outrossim, ele atribui uma magnífica poesia à interpretação atomística de Demócrito, propriamente, às idéias simples, precisas e claras, ao mesmo tempo, originais e sutis sobre a formação e os processos da natureza. Ele lançava sobre a natureza olhares exploradores e compiladores

⁹ NIETZSCHE, F. *Les philosophes pré-platoniciens*, Notas, p. 347.

buscando penetrar em seus elementos e mecanismos os mais ínfimos e complicados através de um método simples, econômico e sistemático. A concepção mecânica dos fenômenos da natureza guardava uma poesia magnífica, substituindo todo elemento enigmático, complicado e desconhecido por elementos evidentes e inteligíveis através de narrativas e descrições expressas em imagens variadas, concatenadas e quase lúdicas, como se o cosmos tivesse sido formado e fosse sustentado por um eterno jogo de dados, no qual se faziam e se desfaziam combinações. “O atomismo em si comporta uma poesia grandiosa. Uma chuva eterna de pequenos corpos diversos que caem com movimentos muito variados e caindo se emaranham de modo a formar um turbilhão. A sutileza da aitologia caracteriza Demócrito”, como Nietzsche diz em um fragmento de 1872-74.

Com efeito, Segundo Nietzsche somente após o conhecimento ter atingido o seu limite trágico, ou seja, ter descoberto na ilusão, elemento fundamental da arte, o limite de todo saber, com Empédocles, a filosofia pôde se entregar sem reservas a sua função artística. Assim, Empédocles preparou Demócrito. Este justificou a arte sobretudo por descrever a origem e a unidade do cosmos como um magnífico processo artístico. Frente à potência da natureza, é a sua imagem estética que ele contemplou: uma chuva maravilhosa de átomos quedando e se chocando e, assim, formando pequenos e infinitos mundos. Compondo o sistema estético da natureza, Demócrito visava demonstrar que a representação estética correspondia à própria forma de manifestação da natureza.

É a partir do conceito de matéria do átomo que Demócrito fundou e demonstrou o caráter artístico da natureza. A substância indivisível, eterna e imutável, em todo lugar idêntica do átomo, permitiu a Demócrito traçar a concernência entre o cosmos e o pensamento. Os critérios de objetividade da natureza: tempo, espaço e causalidade, representados pela atividade da matéria, que só mais tarde seriam repensados por Kant, correspondiam às próprias condições não só do pensamento, mas de toda apreensão do mundo. Conforme Nietzsche, toda a racionalidade e cientificidade de Demócrito deve ser compreendida segundo a necessidade de sistematização e fundamentação da ilusão como substrato absoluto e fundamental não só do conhecimento mas da própria natureza.

Não obstante a magnificência artística do sistema de Demócrito ele não foi compreendido e bem recebido por sua época. A grande parte de suas obras foi extraviada, restando para a posteridade somente alguns fragmentos. Para Nietzsche, no fundo, a civilização grega não estava preparada para viver segundo a representação artística do mundo. Talvez este tenha sido o motivo de Demócrito ter sido esquecido tão rapidamente pelo próprio povo grego.